

Editorial

Política, cultura ou sociedade: o diálogo interdisciplinar e a abordagem histórica das sociedades antigas

Junio Cesar Rodrigues Lima¹

Nos últimos anos, os novos historiadores políticos se concentraram tanto na natureza do sistema político enquanto expressão das relações de poder quanto na cultura e ideias políticas, contrariando um tipo de abordagem histórica que se alinhava com as concepções positivistas. Segundo a historiadora britânica Susan Pedersen², uma história política adequada também precisa abordar a liderança política, seja ela exercida por partidos ou indivíduos, bem como, a estrutura e o alcance coercivo do Estado e a natureza e sustentáculos das afirmações de legitimidade. Esse tipo de abordagem deve incluir também o estudo da estrutura, alcance e práticas do Estado, considerando, ainda, um contexto global.

A análise da rede de relações políticas e econômicas globais que envolvem todas as nações ajuda a compreender melhor a natureza e funcionamento das instituições e práticas políticas e a corrigir algumas distorções e defeitos que afetam tanto a história da “alta política” como a “nova” história política, diz Susan Pedersen.

A viragem para a História Social ocorrida nas décadas de 1960 e 1970 foi

¹ Prof. Ms. Junio Cesar Rodrigues Lima – Mestre em História Política pelo PPGH-UERJ; pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade e do Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e Arqueologia Transdisciplinar da Universidade Federal Fluminense. Orientação: Dra. Maria Regina Candido – UERJ.

² PEDERSEN, Susan. *Que é história política hoje?* In: CANNADINE, David. *Que é história hoje?* Lisboa: Gradiva, 2006.

prejudicial para a História Política e fez com que esta experimentasse dificuldades para atrair novos pesquisadores seduzidos por outras áreas de investigação histórica. Entretanto, na opinião de alguns historiadores, a História Política não foi propriamente abandonada, mas redescoberta e redefinida, pois, os historiadores sociais se voltaram ao estudo da política popular e, os culturais, sob a influência de Michel Foucault, procuraram em sua documentação indícios dos diferentes modos como a autoridade e o poder são exercidos e legitimados. Susan Pedersen parte do princípio de que hoje *“todos nós somos historiadores políticos”* e que *“a percepção de uma crise ou de uma grande controvérsia no campo da História Política é, em grande medida, ilusória”* (CANNADINE, 2006, P. 63); entretanto, segundo ela, ao rejeitar uma interpretação estrutural, a “nova” História Política poderá cair no *paroquialismo* ou no *panglossianismo*, ou seja, permitir que o entendimento que os objetos históricos têm das instituições se substitua ao do historiador.

O estudo pormenorizado do discurso e cultura políticos, por exemplo, se trata de um terreno comum para diversos segmentos historiográficos, o que, de certa forma, é reflexo de um novo consenso, onde historiadores políticos aceitam tanto a relativa autonomia da política quanto um método de estudo que visa o conhecimento da cultura e das ideias políticas como eram entendidas pelos próprios atores históricos (CANNADINE, 2006, P.73).

Em uma análise similar a de Susan Pedersen, Xavier Pujol³ afirma que a história política é também social e cultural, ou seja, a nova história política deve insistir no fator pessoal dentro e fora das instituições. Para ele, o campo da História Política tem se expandido em todas as direções; se trata de uma História Política mais abrangente, cujo objetivo, afirma Pujol citando Patrick Collinson, é explorar a profundidade da política social, buscando sinais da vida política em áreas anteriormente ignoradas. Assim a nova História Política se trata de uma História Social com contornos políticos e

³ GIL PUJOL, Xavier. *La historia política de la Edad Moderna europea, hoy: Progresos y minimalismo* In: BARROS, Carlos (Coord.). *Historia a debate: actas del Congreso Internacional "A historia a debate"*. Santiago de Compostela: Historia a Debate, 1995.

uma exposição dos processos políticos que é também social, tornando-se múltipla, mais completa.

Assim sendo, para Xavier Pujol, não faz muito sentido atualmente falar em História Política, História Social e História Cultural de forma excludente, pois, devido principalmente à interdisciplinaridade, os limites entre essas práticas historiográficas estão cada vez mais difíceis de definir.

Atualmente, existem poucas dúvidas de que o diálogo interdisciplinar seja um requisito necessário para se capturar o polimorfismo político de uma realidade social (BARROS, 1995, P. 197). Entretanto, tal diálogo está longe de resolver todos os problemas do historiador, diz Pujol.

Dialogando com Peter Burke e Bartolomé Clavero, Xavier Pujol afirma que a importação de problemáticas, técnicas e métodos de abordagem, a expansão experimentada por diversas áreas da história, tem conduzido a uma crise de identidade, pois, se a política está em todas as partes, já não há necessidade de uma história estritamente política. Com isso, ao abordar politicamente as relações socioculturais no mundo romano antigo, o historiador deve se ocupar, por exemplo, com as relações de patronato e clientela – tanto do ponto de vista do patrão quanto do cliente, os intermediários, escravos, libertos, grupos de elite, as redes de influência e todo um mundo de mediações e interesses pessoais entre governantes e governados, capitais e territórios. A presença dos organismos oficiais, segundo ele, pode ser detectada através destes múltiplos âmbitos políticos e sociais.

Pierre Rosanvallon⁴ amplia a discussão de Pedersen e Pujol, definindo o mundo da política como um segmento do mundo político operado pela mobilização de mecanismos simbólicos de representação. Para ele, a tarefa do historiador é “tentar restituir ao passado sua dimensão de presente, isto é, de indeterminação”, resgatando a experiência política dos atores, seus sistemas de ação, representação e contradição,

⁴ ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.

a fim de que o presente do passado nos ajude a melhor refletir sobre o nosso presente e não apenas explicar o presente ou o que ele foi.

Para fortalecer seus argumentos, Pierre Rosanvallon recorre às concepções de Claude Lefort - que definia o político como o conjunto de procedimentos a partir dos quais desabrocha a ordem social - para postular que o político e o social são indissolúveis. Assim, Pierre Rosanvallon entende que o historiador do político deve se mover na direção de uma história política total a fim de construir o sentido político em toda sua complexidade. A história do político deve dialogar e extrair conhecimentos da História Cultural, História Social, da História das Instituições Políticas e História das Ideias. E, a nova história filosófica do político, segundo ele, deve ser compreendida no interior deste conjunto maior de inovações na disciplina.

Parafraseando E. H. Carr, Lynn Avery Hunt⁵ afirma que “quanto mais culturais se tornarem os estudos históricos, e quanto mais históricos se tornarem os estudos culturais, tanto melhor para ambos”. Hunt entende que, assim como a história, nas décadas de 1950 e 1960, gradativamente avançou para o social, dialogando com a sociologia; nas décadas de 1970 e 1980 os historiadores marxistas e dos Annales direcionaram seus interesses para as práticas culturais, aproximando-se da Antropologia e da Teoria Literária. Assim sendo, ao se debruçar sobre sua documentação ou objeto de pesquisa, o historiador precisa levar em conta que os documentos que descrevem ações simbólicas do passado possuem caráter intencional e estratégico. Por isso, os historiadores devem criar suas próprias estratégias para uma boa análise documental.

A professora Zolói Santos⁶ argumenta a favor da interdisciplinaridade ao afirmar que “o discurso literário resulta de uma reflexão e se constitui em uma

⁵ HUNT, Lynn. *História, cultura e contexto* in: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

⁶ SANTOS, Zolói Aparecida Martins. *História e literatura: uma relação possível*. Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica2/zeloidossantos.pdf>; Acessado em 11 de agosto de 2009.

mediação social, tal como o discurso histórico. Daí ser possível através das técnicas de expressão literária tais como os modos de narrar e construir pontos de vista, poder-se revelar a história”. Assim sendo, de forma mais indireta do que direta esse diálogo interdisciplinar coloca o historiador diante de obstáculos documentais como, por exemplo, o “dos atos e pensamentos da vida cotidiana, das dúvidas e incertezas, do caráter fragmentário e dinâmico da identidade e dos momentos contraditórios de sua constituição” (LEVI, 2006, p. 169). Como as exigências de historiadores e romancistas não são as mesmas, o diálogo entre história e teoria literária proporciona, segundo Giovanni Levi⁷, uma renovação da história narrativa, um interesse maior dos historiadores por novos tipos de fontes que forneçam indícios do cotidiano e um debate sobre a forma de se escrever história.

Como se pode observar, historiadores do político, da cultura e da sociedade entendem que o diálogo interdisciplinar é fundamental para que a abordagem histórica das sociedades do mundo antigo seja mais completa. Nossa proposta nessa edição da Revista Eletrônica Nearco é apresentar artigos que utilizem a prerrogativa da interdisciplinaridade para desvendar as sociedades do passado. Assim, esperamos contribuir para o desenvolvimento acadêmico de nossos leitores.

Boa Leitura!

⁷ LEVI, Giovanni. Usos da biografia in: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.